

particularidade. Merecem referência, entretanto, *O Mé*, de 1921, no agitado clima em que viveu o país quando da sucessão do presidente Epitácio Pessoa; *A Lanterna*, de 1926; *O Papagaio*, de 1928. Duraram mais: *O Juquinha*, de 1921 a 1923; *A Maçã*, de 1922 a 1929; *O Shimmy*, de 1925 a 1928. Outras tiveram vida mais longa: o *Frou-Frou*, de 1923 a 1935; *Beira-Mar*, de 1922 a 1941; *Vida Nova*, de 1926 a 1946; *Excelsior*, de 1928 a 1945; *A Noite Ilustrada*, de 1928 a 1956. Em 1928, com grande publicidade preparatória, surgiu *O Cruzeiro*, fundada por Carlos Malheiros Dias e que passou, posteriormente, a integrar como *A Cigarra*, o grupo de Assis Chateaubriand, ganhando circulação nacional, no que foi pioneira. Entre os jornais, cumpre mencionar *A Manhã*, que teve duas fases, a de 1925 a 1929 e a de 1941 a 1953; *A Reação* que circulou apenas em 1926 e 1927; a *Crítica*, que viveu de 1928 a 1930; *A Esquerda*, órgão tenentista que existiu entre 1928 e 1931; o *Diário da Noite*, que circulou de 1929 a 1962, integrado na cadeia dos *Diários Associados*; *A Noite*, que teve nova fase, quando Irineu Marinho a perdeu, de 1929 a 1957; *A Pátria*, fundada por Paulo Barreto, e que circulou entre 1920 e 1952; *O Combate*, que atravessou duas fases, de 1921 a 1923 e de 1929 a 1930; *O Dia*, que circulou de 1921 a 1958; e o singularíssimo jornal humorístico de Aparício Torelly, depois Barão de Itararé, *A Manha*, que fez sucesso entre 1929 e 1959. Apareceram, então, o *Diário Carioca*, que durou de 1928 a 1966; *O Globo*, fundado por Irineu Marinho, em 1925, e o *Diário de Notícias*, fundado por Orlando Ribeiro Dantas, em 1930, ambos ainda em circulação. Nesse mesmo ano, aparecia, em Porto Alegre, o *Diário de Notícias* local, dirigido por Leonardo Truda e posteriormente integrado, como o matutino baiano do mesmo nome e o velho *Jornal do Comércio*, do Recife, na cadeia dos *Diários Associados*.

A campanha pela sucessão de Washington Luís seria a última nos moldes da velha República; as condições do país, agora, eram muito diferentes, e a simples conjugação de elementos políticos de oposição e militares que só na luta armada viam saída para a situação, seria, ainda para os menos atentos, um sinal de alarma. Com a cegueira que o poder confere aos que o detém, nas condições então reinantes, o governo nada queria ver. A luta era travada à base da imprensa — o rádio estava na infância — e com o emprego costumeiro da linguagem mais descomedida. Nos primeiros dias de fevereiro, a comitiva de Melo Viana era atacada, em Montes Claros, quando pretendia fazer comício de propaganda em candidatura oficial; a 28 desse mesmo mês, oficiais revoltosos fugiam da fortaleza de Santa Cruz; por toda a parte, inclusive na oratória candente das caravanas da Aliança Liberal, o apelo às armas era apregoado e aplaudido. Curiosa coincidência